

A criança na corda-bamba

a literatura de Lygia Bojunga Nunes

Eglê Malheiros

Escritora e professora / Santa Catarina

São tantos os óbices que se levantam contra a vida, em nosso País, que acompanhar o desenvolvimento de uma criança e vê-la se transformar num adulto sadio e feliz chega a parecer um milagre. Note-se que os adjetivos *sadio* e *feliz* têm vários significados. O primeiro pode se referir tão somente ao aspecto físico, um corpo bem formado e alimentado, capaz de resistir aos embates e agressões, capaz de atividade produtiva. Basta conferirmos os índices de mortalidade infantil, realmente assustadores (e só contam as mortes antes de um ano de vida), os de morbidade, os de cáries dentárias, para constatar que nascer, crescer e virar adulto é uma batalha renhida, numa guerra inglória. Acrescente-se ao conceito a saúde psíquica, o desenvolvimento pleno e equilibrado da inteligência, da afetividade, da sensibilidade, que depende não só do pão e do abrigo mas também das condições em que chegam esse pão e esse abrigo, e o milagre parece ainda maior.

As crianças brasileiras, mais de uma terça parte de nossa população, são cantadas e louvadas da boca para fora há muito tempo. Os poderes constituídos vivem alardeando que elas são a prioridade das prioridades, a razão básica da ação governamental. Os estratos poderosos da sociedade dizem rezar pela mesma cartilha.

Basta passarmos os olhos pela Declaração Universal dos Direitos da Criança e confrontá-la com a realidade brasileira para percebermos o engodo. Fala-se e não se age, ou melhor, fala-se para não agir. Quando o advogado Sobral Pinto defendeu Luís Carlos Prestes no Tribunal de Segurança Nacional, invocou a Lei de Proteção aos Animais; passados mais de 50 anos, podemos invocá-la em relação à maioria das crianças brasileiras. Só que a gíria oficial e oficiosa arranjou um estratagema: não são crianças, são *menores*

carentes, abandonados e o que mais seja, os outros são crianças.

Porém, mesmo deixando de lado, como recurso de argumentação, os milhões sem casa nem comida, sem cuidado e sem escola, qual a situação dos outros? Examine-se o número de instalações destinadas às crianças em nossas cidades, tanto de atendimento (escolas realmente equipadas, hospitais com bom nível de serviço), como de cultura e lazer (campos de esportes, bibliotecas, clubes recreativos), e se verá que a atenção é mínima, mesmo se somarmos a iniciativa privada à dos poderes públicos. Façamos um levantamento da produção cinematográfica, teatral e musical dirigida às crianças (sem entrar no mérito), parece que somos um país de velhos. A menos que se considere produção cultural o lixo enlatado veiculado pela televisão.

Antes de mais nada, é preciso deixar claro que o problema da infância é, na verdade, o problema da exploração desenfreada do trabalho humano em nosso país e do interesse que tem o capital na manutenção de um vasto exército de reserva, sempre pronto a trabalhar por um salário de fome. É claro que a valorização do trabalho, a passagem de nossa organização social, já não falo para o Socialismo, ideal a ser alcançado, porém para um patamar menos arcaico, não acabaria por completo com o problema do *menor*, haveria ainda crianças abandonadas ou maltratadas, mas seria uma questão residual, enfrentável pelas instituições assistenciais.

E as outras crianças? As dos segmentos de baixo poder aquisitivo (operários, camponeses, pequenos funcionários, artesãos) vêem, a cada dia, sua família passar da pobreza para a miséria; as dos segmentos de renda média perdem a relativa segurança e o relativo conforto; as dos grupos de alto padrão de vida enfrentam o medo da revanche

e o isolamento.

Em conclusão, as crianças brasileiras desde que nascem estão numa verdadeira corda-bamba. Simplesmente sobreviver já é uma tarefa hercúlea, depois lhes cabe enfrentar um mundo adulto em que não há tempo nem espaço para elas, em que o modelo autoritário da sociedade se reflete na educação, em que o desprezo pela vida e pela liberdade são aceitos como normas “naturais”.

Contudo, a força da vida é tanta que ela se afirma de inúmeras maneiras. Vive-se; dos que vivem, muitos, cada vez mais, dedicam-se a lutar para mudar este estado de coisas. E se o fazem é porque têm esperança, e respeitam e defendem a infância.

Entre esses muitos figuram por certo os artistas, os artistas da palavra também.

Lygia Bojunga Nunes é uma escritora que fala para todas as idades, mas procura estabelecer diálogo antes de tudo com crianças e jovens. Suas histórias, fundamente enraizadas na realidade, lançam mão da fantasia tanto para criar o estranhamento, que permite a visão de situações de outro modo por demais dolorosas, como para projetar a superação dos conflitos.

Ela aparece no cenário nacional com *Os colegas* (1972), em que Virinha e Latinha, dois cães sem dono, vivem suas aventuras no aterro do Flamengo.

Em seu primeiro livro já aparecem as linhas mestras de sua obra, que passará, é evidente, por um processo de depuração e aprofundamento. Refinando seu emprego da língua, usando o registro coloquial com rara sutileza, a Autora criou a matéria-prima com que dá forma a seu mundo de fantasia. Num processo de amadurecimento, seus livros vão se aprofundando cada vez mais, sem nunca deixar de estabelecer contacto desde logo, e mediante grande empatia, com o interlocutor infantil ou juvenil. Serão a maturidade do leitor e a sensibilidade de suas antenas que propiciarão outras leituras, talvez não tão divertidas quanto a primeira, mas por certo muito mais ricas.

Que ninguém se iluda com a aparente facilidade que o coloquial estampa. O uso literário que a Autora faz desse registro nos dá uma linguagem muito matizada, nos efeitos e no sentido. Se não há uma profusão de palavras “difíceis”, as palavras do cotidiano são usadas e combinadas com maestria e muitas vezes deixam de lado o prosaico e se embrenham no poético.

Considero mesmo que existe uma

homologia entre o uso que a Autora faz da língua e sua posição diante dos protagonistas de seus livros, quase todos crianças. Assim como a aparente simplicidade do registro lingüístico não impede os recursos estilísticos e a profundidade de reflexão, também a aparente “infantilidade” da infância não impede, pelo contrário, contribui mesmo para a densidade da trama, seu impacto dramático e a seriedade de seus temas.

Para a Autora, a criança vive na corda-bamba, tanto do ponto de vista material quanto espiritual. É um requintado equilíbrio alguém ser capaz da travessia, vencendo todos os obstáculos, e chegar do outro lado, feito um adulto maduro, capaz de receber e dar amor, capaz da tarefa fraterna de dar as mãos a seus iguais e meter a cara na construção de um mundo mais justo, mais livre e de paz.

Poucos autores nós temos, e aqui eu considero o *corpus* geral da literatura brasileira, que tratem as crianças e as classes exploradas com tão pouco paternalismo e com tanto respeito. Os pobres, em sua obra, não são o “pobre funcional” de que fala Umberto Eco, figurantes que permitem o “bom coração” de protagonistas variados. A pobreza e o abandono não são fenômenos da natureza, mas fenômenos sociais, com causas histórico-econômicas bem determinadas. Também o autoritarismo castrador que é a tônica da educação, e que atinge as crianças de qualquer classe social (com a agravante, para os oprimidos, de tentar impedir-lhes a autonomia libertadora) não é apresentado como apenas um viés equivocado de pais e educadores, mas sim como a fisionomia esperada que lhe dá a sociedade, pois tem a função de reproduzir as estruturas sociais vigentes. Em seu livro *Léxico familiar*, a escritora italiana Natalia Ginzburg fala de uma personagem, médico psiquiatra, que exclamava: “Felizes os órfãos!” Um sentimento semelhante perpassa os livros de Lygia (como esteve presente nos de Lobato): muitos adultos, a título de educar e ajudar a encaminhar na vida, só fazem podar e atrapalhar o crescimento e autonomia das crianças.

A turma de *Os colegas* (na verdade um grupo de crianças de rua) se apóia e ajuda, e cresce por fora e por dentro, porque tem liberdade e responsabilidade.

A escola, tal como se apresenta preponderantemente, é para a Autora um lugar em que se costumam as idéias, se filtram os pensamentos e se produzem seres homogeneizados que vão garantir e defender as

diferenças sociais. Isso fica sobremodo patente em *A casa da madrinha*, *A bolsa amarela*, *O sofá estampado* e *Tchau*.

Mas, serão as crianças auto-suficientes do ponto de vista psíquico, capazes de, não atrapalhadas, alcançar a plena floração espiritual? É evidente que a Autora não postula tal absurdo. São os estímulos positivos que operam no ambiente, e o afeto e o carinho de uma pessoa mais velha (os pais ou alguém em seu lugar), é a interação com seus pares nos jogos, brincadeiras e atividades produtivas, é tudo isso que estende a corda e a retesa para a difícil travessia.

O conhecimento da verdade, a dureza da realidade não impedem o avanço, nem impedem o sonho. O que esteriliza é a mentira, a hipocrisia, o preconceito. A luta da cegonha, no livro *Angélica*, é a luta pela verdade, pois na mentira e nos privilégios dela decorrentes não havia possibilidade de um crescimento real. Maria, a menina de *A corda-bamba*, faz um mergulho perigoso em busca da verdade e dele volta reassegurada e em condições de lutar contra a prepotência da avó. Raquel, em *A bolsa amarela*, ao mesmo tempo em que batalha por seus ideais, se esforça por conhecer a verdade de seu meio e lhe destrinchar os meandros. Alexandre, o menino favelado de *A casa da madrinha*, é a própria negação do estereótipo do “menor”, tão difundido pelos meios de comunicação de massa, quer sob a forma do “pivete”, quer sob a forma do “coitadinho” que precisa de madrinhas bondosas para sobreviver. A madrinha em busca de quem Alexandre parte é, antes de tudo, a força interior do menino, força que lhe veio do carinho e cuidados que recebeu desde pequeno, do calor humano que havia em sua casa muito pobre, da coragem da mãe enfrentando a vida num tanque de lavar roupa, do irmão mais velho que dialogava e enfeitava a vida com as asas do sonho. As mesmas asas de que é suprido o cavalo Ah!

Os protagonistas dos vários livros, adultos e crianças, estão sempre desvelando fatos e situações, tentando fazer a luz incidir em desvãos, tanto interiores (a nível psíquico) quanto exteriores (a nível histórico-social).

Em *7 cartas e 2 sonhos* essa procura é o próprio trajeto da infância para a maturidade. Em que não se cessa de procurar e indagar, mas aí já em outro nível, não mais na corda bamba, e sim de picareta em punho abrindo caminho.

Não se julgue que a Autora seja maniqueísta, a bondade com as crianças e a maldade com os

adultos. É que as crianças estão se auto-construindo, resistindo às forças negativas do ambiente social, e muitos adultos já entregaram os pontos, acomodados, vencidos ou então satisfeitos na posição de exploradores. Mas há os que não se rendem e mesmo depois de mortos constituem uma lição de vida: é o caso da avó de Vítor, o tatu, em *O sofá estampado*. A relação da criança com seus pais pode ser rica e estimulante como em “Lá no mar”, conto do livro *Tchau*, ou a de Napoleão Gonçalves com seus filhos em *Angélica*.

Condições sociais adversas dificultam a travessia, mas o estudo e a construção de uma visão crítica a facilitam. Para Lygia o estudo, a busca do saber é libertadora, e justamente por isso sua crítica à instituição escolar é tão ácida. Além das dificuldades materiais e ambientais, há um outro óbice para todas as crianças, o conceito ditatorial de obediência, que atinge todas, sem distinção.

As personagens femininas, em todos os livros, são exemplos ou do resultado de uma educação sexista ou de como é árdua, no entanto plena de satisfação, a luta contra isso. Em *Angélica*, a cegonha empunha bandeiras feministas, Mimi-das-perucas sucumbe à própria vaidade e consumismo, e a mulher do J afinal se descobre uma pessoa chamada Jandira. Raquel, em *A bolsa amarela*, põe em questão os papéis sexuais estabelecidos e discute a quem servem. A avó de Vítor, em *O sofá estampado*, é um modelo de mulher: mãe, trabalhadora e revolucionária, e com os pés no chão, pois teve de equacionar no tempo as várias facetas para enfrentar os empecilhos que havia no meio-ambiente.

Usando o recurso da fantasia, as personagens de Lygia Bojunga Nunes superam os obstáculos e os conflitos e estão prontas, meninos e meninas, a empreender a caminhada pelo mundo, com os olhos no futuro, de mãos dadas com seus iguais: os que acreditam na humanidade do homem e têm esperança no futuro. Os que sabem que o presente e o futuro ninguém os recebe de graça, são frutos do trabalho e da luta organizada.

Em Lygia Bojunga Nunes a ficção recupera toda sua riqueza etimológica, palavra derivada que é do latim *finger*: dá forma, modela um mundo, que é aquele que conhecemos e, ao mesmo tempo, o que poderá vir a ser, e para esse vir a ser ela imagina, fantasia; através do modelo e da imaginação ela educa (no sentido mais pleno,

contribui para revelar as forças transformadoras que existem dentro de cada um), cultivando o espírito crítico e a ação organizada, fertilizando o sonho e a fantasia libertadora. Na polissemia da ficção, esta Autora em nenhum momento utiliza o sema “dissimular”, aproveita tão só o “fingir”, naquele faz-de-conta que nos leva para outros mundos, vividos ou sonhados, e dos quais

voltamos com mais energia e determinação.

Ler e reler os livros de Lygia é descobrir e redescobrir um mundo cada vez mais rico. Seus leitores saem de lá menos pobres, apertando firme na mão a chave da casa da madrinha. Quem tem essa chave consegue fazer a travessia e se equilibra, apesar de tudo, na corda-bamba.